

Isto basta para que tenhamos confiança no entusiasmo com que S. Ex.<sup>a</sup> advogará a causa da fundação de um museu, quando os seus collegas a isso se disponham, votando um subsidio pecuniario para as despesas da installação.

É absolutamente desnecessario encarecer as vantagens dos museus municipaes, verdadeiras escolas praticas onde se aprende a amar o passado e onde se estuda arte antiga nos vestigios que nos ficaram do povo-rei e de outros que aqui lhe succederam. Alem d'isso o nosso povo, pelo exame directo dos objectos expostos, adquire conhecimentos que não tem acêrca do valor de muitos d'elles que vão desapparecendo.

Despertem emquanto é tempo e convençam-se de que já hoje não é cedo.

ALBANO BELLINO.

(*Commercio do Minho*, 24 de Fevereiro de 1905).

### Antiguidades de Vianna do Alemtejo

(Continuação. Vid. o *Arch. Port.*, IX, 271)

#### 4. Antiguidade do cemiterio

Estudemos por fim a questão da antiguidade d'este cemiterio.

Os despojos inventariados são pobres e escassos. Nenhum metal precioso, nenhuma obra de arte, quer de bronze, quer de ceramica, quer de vidro; nenhum vestigio nem indicio de abastança. Rudes indigenas deveriam ser os inhumados, incolas que comvizinhavam a *Ebora*, *Municipium Liberalitas Julia* (Hübner, *Corp. Insc. Lat.*, II, 114) a cuja influencia se tinham decerto abandonado havia seculos.

D'entre o que acabo de descrever, vejamos quaes os elementos sobre que posso basear algumas considerações de alcance chronologico.

Á falta de um factor de clara significação, toda a duvida versa sobre a extensão do periodo de tempo subsequente á epoca marcada pela moeda da sepultura n.º 1 (*Arch. Port.*, IX, 284). Esse pequeno bronze é de Constancio II (sec. IV, 323 a 361). E collocados neste seculo, naturalmente o que nos importa saber é se as sepulturas são pagãs ou christãs<sup>1</sup>. É clara a relação que esta qualidade tem com a

<sup>1</sup> No sec. III já havia igrejas christãs na Lusitania. No sec. IV celebrou-se o concilio de Illiberris, onde estiveram bispos de Emerita, Ossonoba, *Ebora*. Neste seculo e no V, já florescia á sombra do christianismo homens como S. Damaso, Idacio, Orosio (*Sur les Religions*, par J. Leite de Vasconcellos, pag. 8, *Buletin de Real Academia de la Historia*, 1903, pag. 132). D'este seculo nos restam epigraphes christãs em Mertola.

chronologia das sepulturas. Não podem estas ser muito mais modernas que o sec. IV<sup>1</sup> se são pagãs; pelo contrario, podemos distanciá-las d'aquella era, se deverem ser consideradas christãs.

A presença de moedas tinha para Estacio da Veiga significação restrictiva; nas sepulturas não se collocaria senão o numisma de um imperador reinante (*Antiguidades de Mafra*, pag. 33). Parece-me exaggerada esta opinião e difficil de fundamentar. Em sepulturas barbaras do sec. V e posteriores é, sem duvida, erronea<sup>2</sup>. Logo veremos que esta crença deu logar em Estacio da Veiga a uma inexacta attribuição. Mas, no caso de que trato, tem somenos importancia ser ou não ser anterior a 361 da era de C. a sepultura em que o pequeno bronze d'este imperador appareceu.

O que não pode deixar de se acceitar é que o pequeno bronze do sec. IV indica um limite primario á antiguidade da sepultura e uma epoca generica ao cemiterio. A balisa opposta vae procurar-se em outra ordem de considerações.

Registada esta elementar conclusão, vejamos, quanto aos tempos posteriores ao sec. IV, se é possivel delimitar o periodo a que pertencem as sepulturas exploradas.

A primeira característica que as sepulturas apresentam, é terem planta *rectangular*, ou em fórma de parallelogrammo, isto é, os quatro lados parallelos entre si.

Esta circumstancia é importante. A fórma trapezoidal é apresentada pelos investigadores como de uso mais recente que a rectangular. Em Portugal não ha ainda estudos publicados, em que se tenha dado conta acertada da epoca em que a sepultura trapezoidal começou a ser empregada<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Evidentemente o cemiterio procede ainda de epocas mais antigas: mas aqui trata-se apenas da parte que foi explorada. Seria insensato pretender demonstrar que nenhuma inhumação podia ali ser anterior a Constancio II.

<sup>2</sup> Bastaria para o provar o espolio do tumulo de Childerico (Vid. *Le tombeau de Childéric*, pelo P.<sup>o</sup> Cochet, pag. 417 a 429, e Le-Blant, *Inscriptions chrétiennes de la Gaule*, n.<sup>o</sup> 239). Este autor diz claramente que, tendo as moedas romanas corrido durante longo tempo, não se podem considerar como meio de datar as sepulturas.

<sup>3</sup> Isto é devido a insufficiencia de observações minuciosas, e á falta de vulgarização de alguns trabalhos que, especialmente em França, se tem publicado acêrca de sepulturas medievaes, e por isso creio que não poucas attribuições de epoca romana a sepulturas e a cemiterios barbaros se tem feito entre nós. A errada identificação da telha de rebordo em especial tem causado, a meu ver, algumas erradas classificações. Em Portugal, a attribuição classica das se-

Não obstante de uma maneira generica e guiando-nos pela evolução que na Gallia acompañou este phenomeno, pôde dizer-se que a sepultura trapezoidal não é pagã ou da epoca romana, mas medieval, e que a sepultura rectangular é premedieval e quasi sempre pagã<sup>1</sup>.

Em um cemiterio myrtilense caracterizado por epigraphes christãs, do sec. v a vii, as sepulturas eram trapezoidaes (*Memorias das Antiguidades de Mertola*, por Estacio da Veiga, pags. 119 e 120). Temos pois: idade media  $\diamond$  christianismo  $\diamond$  sepulturas trapezoidaes.

pulturas e ruinas onde afiora a *tegula*, tem sido uma quasi idiosyncrasia dos nossos exploradores! Toda a *tegula* ha de ser como um rotulo indiscutivel da antiguidade romana... Em França é hoje possivel, consoante a disposição ou os achados de um cemiterio, saber se a povoação data do v, do vi, do vii ou do viii seculo (*Congrès archéol. de France*, 1887, pag. 144 sqq.). Paula e Oliveira (*Antiq. préhist. et rom. des environs de Cascaes in Commun. à Com. dos trabalhos geologicos*, II, pag. 85 sqq.) relata a exploração de varias necropoles cumvizinhas de Cascaes, e classifica-as da epoca romana do sec. II a. C. Parecem-me bem posteriores, medievaes e christãs. Assim: as de *Manique de Baixo*, que são orientadas e trapezoides; as de *Alcoutão*, identicas em fôrma e orientação, onde, para mais, uma lapide romana foi utilizada na cabeceira, nesta um dos aneis de bronze tem no sinete uma serie de SSSSS, a qual deve ser considerada como prova de industria não romana; (Barrière-Flavy, *Étude sur les sépultures barbares*, pag. 57); as da *Abujarda*, com a mesma fôrma, e que deram, alem de outro espolio, um anel com *swastika*, sinal, nestas sepulturas, da epoca visigotica (B.-Flavy, *Étude sur les sépultures barbares*, pag. 78 e 108; Le Blant, pl. 10; *Rev. archeol.*, III, pag. 86); nada d'isto é romano, mas posterior. Estacio da Veiga considera romanas umas sepulturas *trapezoidaes* de Mafra, e uma do sec. I; o que julgo inexacto. Fiel á sua convicção, baseou-se em que uma das moedas era de Tiberio, outra de Theodósio. O espolio tanto permite que se considerem romanas, como medievaes; não assim a fôrma da cavidade. São da epoca barbara ou gèrmanica. Em todo o caso não deram nenhum symbolo christão (*Antiguidades de Mafra*, pag. 34). No Museu de Guimarães ha uma pia de pedra, mumiforme, que tem no topo gravada a *swastika*; é de Urgezes e consequentemente christã e de tempos tardos da meia-idade.

<sup>1</sup> Na maior parte de descrições de sepulturas e cemiterios, os nossos achadores esquecem-se de nos dizer se a fôrma encontrada é trapezoidal ou rectangular. É uma falta. Outras vezes a deficiencia de achados ou a ambiguidade d'estes obstam a uma apreciação. Digo que a sepultura rectangular é quasi sempre pagã, porque as sepulturas christãs da peninsula, anteriores ao sec. v. isto é, aos barbaros, deviam reproduzir o typo romano que era o rectangular. Em Rossi (*Inscript. christ. v. Romae*) não encontrei nenhuma menção de sepultura trapezoidal. Tambem das palavras de Hor. Marucchi não me parece deduzir-se senão que eram rectangulares, como as dos romanos (*Eléments d'archéol. chrét.*, pag. 325 e 326). Mas onde foram já identificadas sepulturas d'esta epoca em Portugal?

Em Penafiel ha umas sepulturas rupestres<sup>1</sup> em fôrma de mumia, isto é, com um nicho ou abside para a cabeça do inhumado, as quaes são trapezoidaes. Ninguem dirá que são obra romana; são posteriores e não pouco. Como estas ha muitas (*Arch. Port.*, I, 15) em Portugal.

Em Alvaizere temos tambem sepulturas em fôrma de trapezio, medievaes e christãs (*Arch. Port.*, IV, 81)<sup>2</sup>.

Em Valdevez havia uma inteira necropole medieval, bem identificada, com sepulturas trapezoidaes (*Arch. Port.*, VII, 92).

Em Hespanha temos, do sec. V a VII, sepulturas trapezoidaes (*Boletín da Real Academia de la Historia*, 1902, pag. 514), e da epoca romana, rectangulares (*Ibid.*, 1897, pag. 470).

Podendo legitimamente servir-me dos estudos feitos em territorio da Gallia antiga, onde a attenção dos investigadores tem sido solicitada neste sentido pelos achados feitos ou estudados desde o segundo quartel do sec. XIX em sepulturas da epoca franca e visigotica, referir-me-hei *in primis* ao que diz Caumont. Segundo este patriarcha da archeologia francesa, os sarcophagos rectangulares são mais antigos que os trapezoides; estes appareceram no sec. V (Caumont, VI, pag. 232) e as sepulturas não apparentes seguiram a mesma evolução (*Ibid.*, pag. 258), mas sem desapparecerem as rectangulares (*Ibid.*,

---

<sup>1</sup> Chamo sepulturas rupestres ás que são abertas em rocha dura (granito ou outras) e em logar aparente. Dizem alguns pesquisadores que determinadas sepulturas são abertas na rocha, simplesmente porque as fossas foram escavadas no saibro ou na marne; mas estas não são apparentes, e por isso não são archeologicamente sepulturas em rocha, embora mineralogicamente aquillo tambem seja uma rocha.

<sup>2</sup> Na necropole explorada pelo Sr. Dr. Santos Rocha em Marateca havia fossas trapezoides no fundo, rectangulares superiormente. O unico espolio capaz de apreciação é um vaso, e, salvo melhor juizo, algumas das fôrmas romanas deviam conservar-se na idade media, ou por outra, não me parece fundamento seguro insuladamente a fôrma dos vasos, pois que as modificações que soffrem são lentas e graduaes, e ha periodos mixtos. (*Arch. Port.*, II, 70, e *Mem. da ant.*, pag. 218). A sepultura trapezoidal de Athey, classificada romana, é para mim duvidosa (*Arch. Port.*, III, 71). As sepulturas descriptas nas *Antiguidades de Mafra*, pag. 33, são medievaes. Uma das sepulturas de Marateca é um duplo trapezio como em Alvaizere. As duas sepulturas trapezoides da Granja do Olmeiro estavam violadas. A sepultura de Montemór-o-Velho era apenas ligeiramente trapezoidal; não parece fôrma intencional (*Portugalia*, III, pag. 597, e *Mem. da ant.*, pag. 223). A necropole da Fonte-Velha (Bemsafirim) tinha recintos trapezoidaes, mas curtos, porque os cadaveres eram inhumados de cócoras (*Mem. da ant.*, pag. 143). Não são certamente as sepulturas d'esta especie que eu aqui enumero. As sepulturas da Fonte-Velha serão propriamente *cistas*.

pag. 285); só no sec. x é que foram invariavelmente trapezoides (*Ibid.*, pag. 312 e 294, etc.).

No 55.º Congresso Archeologico de França, realizado em 1888 em Daxe Baiona, a pag. 194 do Relatorio, vem um *Étude sur les sarcophages gallo-romains de l'Aire-sur-l'Adour*, por P. Lafond, onde se apresenta mais vagamente a mesma conclusão: que nestes tempos transitorios da arte antiga do III ao v seculo, os sepulcros começam tambem a transformar-se de parallelogrammos em trapezoidaes.

Barrière-Flavy, na sua esplendida obra *Étude sur les sépultures barbares*, diz a pag. 41: «Les nécropoles du Midi sont ordinairement composées de fosses creusées dans le sol, à des profondeurs variables et dans lesquelles le défunt était déposé purement et simplement. Parfois, une caisse en bois renfermait les restes des guerriers. Les cercueils ainsi faits (sarcophages en pierre) et remontant aux cinquième, sixième et septième siècles, se reconnaissent aisément à la largeur des deux extrémités de la bière, sensiblement plus étroite aux pieds qu'à la tête. Il s'est rencontré dans l'Ouest, peu dans le Midi, des fosses construites avec des pierres plates posées de champ; quelques cimitières ont donné des tombes faites de tuiles à rebords». (Pag. 41 e 42)<sup>1</sup>.

Isto, que é uma synthese, dispensa-me de transcrever as referencias locais que se encontram no desenvolvimento d'este importante estudo; sempre sepulturas trapezoidaes onde houve inhumações de germanos; assim, pag. 154, 184, 185, 186, 199.

Os sarcophagos do iv seculo são ainda rectangulares e Cochet, escriptor classico de sepulcrolgia em França, chama-lhes de transição (*Congrès archéologique de France*, 1889, lvi, pag. 245).

No congresso de 1892 descreve-se um cemiterio da epoca de transição em que as sepulturas eram parallelogrammos, e as moedas do sec. II a IV, presumindo Léon Dumuijs que ao lado de pagãos possa haver christãos inhumados (*Le cimetière franc de Briarres-sur-Essone, Loiret*)<sup>2</sup>.

Que foram os barbaros que nos tempos historicos introduziram nos paes latinos a sepultura em fórma de trapezio como systema geral,

<sup>1</sup> Não vem muito ao caso o resto das generalidades acêrca das sepulturas barbaras; mas sempre direi que nellas se encontram esqueletos com braços estendidos, em geral, mas tambem dobrados, de costas, de bruços e até de cócoras.

<sup>2</sup> Podem ver-se ainda as *Mémoires de la Société d'histoire, d'archéologie et de littérature*, 1899, pag. 230, e *Annales de la Société Archéologique de Namur*, vi, pag. 345.

parece-me não haver duvida<sup>1</sup>. Temos mais sepulturas d'esta fôrma no departamento do Tarn e da epoca a que alguns archeologos francezes chamam merovingica, isto é, do v ao VIII seculo<sup>2</sup>. O P.<sup>o</sup> Cochet nas suas *Sépultures gauloises, romaines, franques et normandes* refere sepulturas trapezoides sempre que se trata de barbaros; vid. pag. 112, 133, 170 e 435 e a mesma observação nas inhumações de *La Normandie souterraine*; vid. pag. 42, 340 e 343. A pag. 29 d'esta obra diz: «Ceux (sarcophages) des âges suivants (au siècle IV) au contraire, sont tous plus retrécis aux pieds qu'à la tête». H. Bandot na sua *Mémoire sur les sépultures des barbares*, não encontrou de barbaros senão sepulturas trapezoidaes; vid. pag. 109, 112, 123, 125, 127, 133 e especialmente 135 onde refere sepulturas rectangulares e trapezoides, pensando pois que o respectivo cemiterio perdurou através da epoca gallo-romana e germanica, sendo até algumas d'aquellas successivamente aproveitadas.

Estes factos tanto de origem nacional como estrangeira, foram adduzidos para demonstrar que, sendo rectangulares as sepulturas do polyandrio viannense, eram anteriores ao sec. v, e portanto não eram de germanos. Em virtude da moeda de Constancio II deviam ser do periodo de transição da epoca romana para a medieval.

Nesses tempos já o christianismo lançára raizes na Lusitania, mas nenhum sinal, nenhum indicio positivo encontrei de que fossem christãs<sup>3</sup> aquellas sepulturas. Se algumas datarem rigorosamente do que possa ser já idade media, pertenceram a pagãos, isto é, a antigos indi-

---

<sup>1</sup> Nas *Notizie degli scavi di antichità* (1903, pag. 289) vem o relatorio de escavações num cemiterio italiano (Caracupa) do sec. VIII ou VII a. C. com sepulturas de incineração e inhumação. É interessante saber-se que estas ultimas eram quasi todas trapezoidaes; como appareceram vestigios de tumba ou caixão de madeira, é licito presumir que essa era tambem a fôrma do ataude. E naturalmente o nosso espirito vaq até as margens do Nilo para estabelecer relações muito verosimeis entre os ataudes das mumias egypcias e as archaicas tumbas italianas de Caracupa. Como nestas, a cabeça do defunto occupava a parte mais larga do cofre. Era a fôrma que contornava as linhas do cadaver, aconchegando melhor o fardo precioso ao sicómoro, como nos sarcophagos medievas a que de passo tenho feito referencia, era a fôrma em que maior economia de trabalho e quebra de peso para o transporte se podia obter, tanto nas sepulturas apparentes, como nas subterraneas.

<sup>2</sup> Vid. *Le Tarn et ses tombeaux*, por A. Caraven-Cachin, pag. 125.

<sup>3</sup> Póde razoavelmente admittir-se que uma sepultura tão especializada como a da criança, se fosse dos primitivos christãos, não tivesse a caracterizá-la algum symbolo, o chrisma, por exemplo, de que tanto se orgulhavam os crentes da nova confissão?

genas romanizados e ainda não conversos. Do espolio recolhido nenhuma outra illação posso com segurança tirar<sup>1</sup>. Nem em Portugal se ainda explorou sepultura christã da epoca romana com a fórma rectangular.

A vasilha de uma das sepulturas violadas pelos trabalhadores tinha um monogramma, como vimos. É porventura razoavel suppor-se que, ao abrirem-se com estilete esses caracteres, se não se referissem a uma pagã, se deixasse de appôr-lhe um chrisma, emfim um symbolo dos tão mysticos que naquelle tempo se empregavam?

O uso do monogramma era já romano, como vimos (*Arch. Port.*, IX, 286). A circumstancia de ser monogramma e não nome denota, no vaso, me parece, epoca baixa. (Vid. *Corpus*, II, pag. 612; Cagnat, *Cours d'épigraphie latine*, pag. 27 e *Revue archéologique*, XXIV, pag. 183).

D'estes cemiterios do IV e V seculo diz o P.<sup>o</sup> Cochet: «La période la plus obscure et la plus difficile à définir dans les sépultures de nos contrées, est celle du IV<sup>e</sup> et du V<sup>e</sup> siècle, que j'appellerai de transition, c'est-à-dire, de passage entre les Romains et les Francs, entre l'urne et le cercueil, entre l'idée chrétienne et le système païen. Le passage ne s'est fait ni subitement, ni complètement». (*La Normandie souterraine*, pag. 27)

Quanto a outras circumstancias, aliás annotadas cuidadosamente no meu diario de apontamentos, não me parece que possam ter valor chronologico. Refiro-me á orientação das sepulturas, á construcção das caixas sepulcraes, á posição dos braços dos esqueletos e até á fórma dos vasos encontrados<sup>2</sup>.

Os cemiterios visigodos localizam-se, regra geral, nas encostas voltadas ao sol; é muito raro encontrá-los em plainos. Este de Vianna está em terreno chão (*Barrière-Flavy*, *op. laud.*, pag. 41). É preciso attender a que todos os autores são accordes em reconhecer identidade de usos e costumes na generalidade dos barbaros, Visigodos, Francos, etc.

<sup>1</sup> Occorre-me aqui um excerpto de Barrière-Flavy (*op. laud.*, pag. 66): *Aucun symbole chrétien n'apparaît sur ces pièces, un cachet certain de paganisme s'y manifeste tout au contraire*. É o caso d'estas sepulturas.

<sup>2</sup> A vasilha com o monogramma tem a mesma fórma que a do *Barranco do Azeite* (*Antiquidades de Mertola*, pag. 80, por Estacio da Veiga). Vid. tambem Baudot, *op. laud.*, pl. xxv.

No cemiterio de Vianna havia sepulturas de pranchas de marmore ◊ lages, apenas mais luxo; havia-as de tegulas e mixtas, de tijolos e de parede. Que deducção se póde tirar d'aqui, quanto a precedencias chronologicas?

Não me consta que em Portugal tenha havido verificação especial na região em que os Suevos tiveram o seu imperio ou em que os Alanos habitaram.

As duas especies de *acus* que recolhi são claramente romanas; como porém este cemiterio de Vianna se pôde chamar de transição, não era de admirar que ainda em sepulturas christãs se encontrassem aquelles objectos de industria romana. A verdade, porém, é que nas obras de sepulcrológia medieval, que tenho consultado, o que apparece d'esta especie é muito diverso.

Um elemento de estudo e observação, frequentemente mal apreciado, é a *tegula*. Deve advertir-se que ha *tegula* na epoca romana, *tegula* na epoca mais tarda, e *tegula* medieval. Aquella é plana e rectangular, as outras dão-nos uma fórma trapezoidal e muitas vezes encurvada. O encaixe das tegulas far-se-ia diversamente numa epoca ou noutra, por isso mesmo que a sua fórma era diversa. Quando começam a apparecer entre nós as *tegulae* trapezoides? Desconheço observações neste sentido<sup>1</sup>. As *tegulae* da sepultura de Vianna que continha a moeda do sec. IV, são planas mas já não são perfeitamente rectangulares. A que se conserva inteira mede 0<sup>m</sup>,56 × 0<sup>m</sup>,41 e 0<sup>m</sup>,37.

Uma circumstancia revelaram duas sepulturas das que abri, e essa considero-a de significação chronologica. Foi o emprego dos varões ou barras de ferro a sustentarem a tampa das fossas sepulcraes. Em *O Arch. Port.*, vols. II, pag. 54; III, pag. 248 e VII, pag. 11, encontra-se menção de identico uso. As sepulturas em que tal appareceu, eram evidentemente pagãs e da epoca romana e, o que é digno de registar-se, é que dois d'aquelles casos pertencem á região transtagana (o outro acaso o será, mas ignoro-o). O cemiterio de Vianna, apesar

---

<sup>1</sup> Estas tres especies de *tegula* parecem-me dividir-se nos exemplares recolhidos no Museu Ethnologico. Não consegui porém ainda o grau de certeza que o bom criterio historico reclama. Seria preciso poder, em face de outros elementos decisivos por si, deduzir a epoca a que pertencem determinadas *tegulae*. Em todo o caso, esbocei tres phases na evolução da *tegula*. A 1.<sup>a</sup>, a classica, seria importada; apresenta lados parallellos, e o encaixe faz-se por meio de dois chanfros na face inferior da telha. A 2.<sup>a</sup>, ainda anterior á idade media, seria já trapezoidal, mas com o mesmo systema de encaixe. Seria a 3.<sup>a</sup> propriamente medieval e talvez já de fabrico local com fórma de trapezio, mas nella o encaixe far-se-ia por dois entalhos ou dentes em toda a espessura da telha e nas extremidades do lado menor do trapezio. Nos bordos tambem parece haver differenças. Os collectores de antiguidades deviam sempre archivar estas particularidades para a capitulação chronologica de uma especie de vestigios antigos, tão commum no nosso país, como é a *tegula*. Poderá ainda haver variedades regionaes.

da rápida exploração que realizei, forneceu duas sepulturas com barras de ferro, embora talvez uma d'ellas com ulterior aproveitamento.

As sepulturas descobertas occupavam um terreno immediatamente contiguo ao actual adro da igreja de N.<sup>a</sup> Senhora de Aires e no mesmo plano. Por tempo da construcção d'este sanctuario, encontraram-se lapides sepulcraes romanas, como ficou referido. Esta antiguidade é argumento favoravel á minha identificação do cemiterio, não argumento decisivo, confesso, mas muito attendivel, sobretudo se se notar que de lapide christã nem um só fragmento appareceu.

A sepultura da criança era ôca; este uso funerario não caracteriza por si só uma crença. É certo que tanto podia dar-se em sepulturas pagãs, como barbaras ou christãs. As armas e utensilios não eram fornecidos ao defunto senão porque a terra não envolvia o defunto, e os guerreiros germanicos iam para a cova como para uma batalha.

Nesta mesma sepultura e noutras entravam alguns materiaes aproveitados de anteriores construcções; isto demonstra que só podiam ser de uma epoca de decadencia e descalabro.

O plinto achava-se no mesmo terreno das sepulturas; já lhe assignalei a antiguidade. É dos mesmos tempos a que pertencem as sepulturas do polyandrio: da decadencia do imperio romano. A fórmula BONO REI PVBLICAE NATO data o sec. iv. (*Arch. Port.*, ix, 289 e 290). As ruinas em que se recolhe uma inscripção d'esta natureza, devem pertencer ao inicio do periodo malaventurado da longa decadencia dos Cesares. Encontramo-nos sempre pois na mesma epoca de transição.

Outro factor de apreciação que deve ser considerado, é que, não já dentro, como acima disse, mas fóra dos sepulcros, no terreno revolvido por mim ou pelos que me precederam, nenhum objecto, nenhum symbolo que revelasse a presença do christianismo, ali surgiu.

Tempo é agora de condensar as illações que resultam da exploração do cemiterio viannense e do exame do seu espolio.

As sepulturas observadas devem pertencer a uma epoca muito adeantada e decadente da civilização romana, proxima do seu occaso.

Os cadaveres inhumados pertenceram a asseclas do paganismo, mixto certamente naquella epoca; nenhum indicio revela que esses esqueletos fossem de christãos, embora a esse tempo já lucilasse na região transtagana a piedosa religião do chrisma. Não era pois de barbaros invasores o cemiterio.

Á sciencia anthropologica competiria rematar agora estas illações e cotejar com as minhas as suas proprias.

Em resumo, os vestígios que constituíram o objecto d'este estudo devem pertencer ao sec. IV ou V.

\*

Antes de terminar, devo prevenir o leitor de que os índices de antiguidade que encontrei neste cemiterio e que tenho apreciado nas minhas considerações, são relativos ás fórmulas de sepultura e aos outros vestígios registados. Não abrangem porém os despojos osteológicos da necropole, actualmente arrecadados no Museu, e dos quaes selleccionei quatro crânios de que represento, em photogravura, diferentes *normas*<sup>1</sup>. A unica afirmação que posso fazer é que até ao apparecimento da prova positiva em contrario, o cemiterio de Vianna, onde se fizeram inhumações durante um periodo talvez longo, era, no estado em que o encontrei e na parte que explorei um cemiterio pagão da epoca romana.

Qual o motivo porém d'esta minha prevenção? O motivo procede das reflexões, a que me obrigou a sepultura n.º 2.

A tampa d'esta sepultura, embora se encontrasse no seu lugar proprio, estava dividida transversalmente por uma linha media em dois pedaços principaes ou mais exactamente em dois grupos de fragmentos. Conhecia-se, em virtude d'essa circumstancia, que tinha havido um remeximento de duas metades da tampa, tendo sido estas invertidas e repostas de fórmula a tocarem-se, ao meio da sepultura, pelos lados que tinham constituido as suas primitivas extremidades. Averiguava-se pois um remeximento, pelo menos limitado. Mas confesso que, a principio e depois d'esta observação, algum embaraço me surgiu quando, ao proceder-se ao esvaziamento do tumulo, se ia verificando que a inhumação estava intacta. Pareceu-me pouco provavel que uma tentativa de violação, crime tão frequente e tão execrado nas leis e nos epitaphios christãos da idade media, se tivesse limitado ao mero remeximento da tampa da sepultura, alterando apenas a disposição dos seus fragmentos. Reflectindo porém no caso singular, affigurou-se-me que a unica hypothese accetavel era a seguinte: O primitivo inhumado, o verdadeiro dono d'esta sepultura, teria sido perturbado na sua ultima jazida com a exhumação dos seus restos. No mesmo

---

<sup>1</sup> Os numerados com 2 e 4 foram por mim exhumados (*Arch. Port.*, ix, 294 e 295); os n.ºs 0 e 00 são das violações anteriores (*Ibid.*, pag. 287). Os das sepulturas 1.ª e 3.ª não foram julgados em estado de se photographarem.

cofre sepulcral intacto, fez-se ulterior inhumação de individuo até de maior estatura<sup>1</sup>. Torna mais plausivel a minha hypothese a inutilidade das barras de ferro em uma sepultura cheia da terra procedente do acto inhumatorio. Essas barras justificam-se melhor numa sepultura occa, em que se pretende reforçar a prancha do tecto contra a pressão exterior. Parece que os aproveitadores d'esta sepultura não quizeram, apesar de tudo, rejeitar aquelles materiaes da primitiva sepultura. Será esta nova fórma de inhumar directamente em terra indicio de mudança de tempos? Parece-me ousadia affirmá-lo. Da antiguidade pois do esqueleto retirado d'esta sepultura<sup>2</sup> nada quero asseverar ou sequer aventurar.

### Appendice

#### Materiaes numismaticos

As moedas romanas de que segue a lista, foram encontradas em toda a area das ruinas, a que me tenho referido. Muitas outras me foram mostradas, mas em estado inqualificavel. A 9.<sup>a</sup> da serie provém da sepultura de criança.

1.<sup>o</sup> Grande bronze de *Marco Aurelio* (161 a 180).

Anverso.—Legenda: M · AVREL · ANTONINVS AVG · ARM · PARTH · MAX · Cabeça laureada á direita.

R.—Legenda: TR · POT · XX · IMP · IIII · COS · III · S · C · Victoria meia nua, em pé, de face, olhando á direita, sustentando uma palma e ligando a uma palmeira um escudo em que se lê VIC · PAR ·

Exemplar deteriorado, não pelo uso mas pela oxidação.

Cunhada em 166 d. C. (Cohen n.<sup>o</sup> 728).

2.<sup>o</sup> Grande bronze de *Trajano* (98 a 117 d. C.).

Anverso.—Legenda: IMP · CAES · NERVAE TRAIANO AVG · GER · DAC · P · M · TR · P · COS · V · P · P · Cabeça laureada á direita.

R.—Legenda: S · P · Q · R · OPTIMO PRINCIPI S · C · Trajano em pé á esquerda sobre o throno, sustentando um ramo de oliveira e um sceptro, coroadado por uma victoria que voa; de cada lado uma figura a estender para elle as mãos. O throno assenta numa longa base, ornada de grinaldas, sobre a qual estão quatro aguias de asas abertas, cada uma das quaes supporta uma taboleta.

<sup>1</sup> Isso presuppõe-no a circumstancia, já referida, de ter sido introduzido violentamente no insufficiente espaço da sepultura um cadaver mais comprido.

<sup>2</sup> E da outra em que appareceram tambem travessões de ferro.

Cunhada de 104 a 110 d. C. (Cohen, n. 479).

O reverso está completamente deteriorado.

3.º Medio bronze de *Constantino Magno* (306 a 337 d. C.).

Anverso.—Legenda: IMP · C · CONSTANTINVS P · F · AVG ·  
Busto laureado á direita com paludamentum.

R.—Legenda: GENIO POP · ROM · Genio meio nu em pé, á esquerda, torreado, sustentando uma patera e uma cornucopia; á esquerda altar acceso. No exergo PLC.

Exemplar gasto, com incrustações no anverso. (Cohen, VI, pag. 136, n.º 293; Mionnet, 7).

4.º Medio bronze de *Maximo* (383 a 388 d. C.).

Anverso.—Legenda: D · V · MAG · MAXIMVS P · F · AVG ·  
Busto diademado á direita com paludamentum.

R.—Legenda: REPARATIO REIPVB · Maximo com traje militar, em pé á esquerda, sustentando um globo encimado pela Victoria, e dando a mão a uma mulher torreada de joelhos; algumas vezes no campo C ou P (gravadas). No exergo tem SCON.

Exemplar menos mal conservado. (Cohen, VI—467, 14; Mionnet, 6).

5.º Exemplar igual mas muito deteriorado.

6.º Medio bronze de *Graciano* (375 a 383 d. C.).

Anverso.—Legenda: D · N · GRATIANVS P · F · AVG · Busto diademado á direita com paludamentum.

R.—Legenda: REPARATIO REIPVB. Mesmo cunho que a antecedente. No exergo PCON. Circulo ponteadado.

Exemplar menos mal conservado. (Cohen, vol. VI, 437, 58; o exemplar de Cohen tem REIPVBLICAE; Mionnet, 6).

7.º Pequeno bronze de *Diocleciano* (284 a 305 d. C.).

Anverso.—Legenda: IMP · DIOCLETIANVS AVG · Busto radiado á direita com paludamentum.

R.—Legenda: ABVNDAT AVGG. A Abundancia em pé á direita, entornando a cornucopia que segura com ambas as mãos. No campo B e T?

Exemplar em mau estado. (Cohen, vol. v; pag. 392, 126).

8.º Pequeno bronze do seculo III. Póde ser de *Tetrico*, pae (268 a 273 d. C.) de *Caro* (282 a 283 d. C.) ou de *Numeriano* (283 a 284 d. C.).

Anverso.—A respectiva legenda e cabeça radiada á direita.

R.—Legenda: CONSECRATIO. Aguia de frente, á esquerda, com as asas abertas.

Respectivamente, vid. Cohen, vol. v, pag. 171, 51; 321, 34; 335, 23.

O pessimo estado de conservação do anverso não permite mais exacta classificação.

9.º Pequeno bronze de *Constancio II* (335 a 361 d. C.).

Anverso.—Legenda: D · N · CONSTANTIVS P · F · AVG · Busto diademado e voltado á direita com paludamentum; atrás da cabeça B,  $\Delta$  ou M.

R.—Legenda: FEL · TEMP · REPARATIO · Soldado em furia em pé á esquerda, atravessando com lança e calcando com o pé o inimigo que derrubado com seu cavallo, sustenta um escudo e procura segurar-se ás crinas; no chão um escudo. O cavalleiro tem ás vezes na cabeça um barrete. (Cohen, vol. VI, pag. 313, n.º 224).

Exemplar coberto de patina esverdeada e de conservação quasi boa. Apareceu dentro de uma sepultura.

Perpassando esta pequena collecção, vê-se que o mais recente numisma é o de Magno Maximo, 3.º Cesar do imperio do Occidente, morto em 388. A cunhagem romana foi-se mantendo até o sec. VI, mas é certo que d'aquelle imperador em deante, mesmo os pequenos bronzes, são cotados em Gneccchi por preços relativamente elevados, excepto os de Honorio, o que denota raridade em quasi todos. (Vid. Franc. Gneccchi, *Monete romane*, pag. 225, 355 sqq.). A este rincão afastado da Lusitania, devem ter chegado, dos sec. V e VI, raros cunhos romanos.

Que vestigios se encontrarão ainda nestes campos da estada dos barbaros? Será decerto a sepulcrologia que ha de dar a resposta a este enunciado.

Dezembro de 1904.

FELIX ALVES PEREIRA.

## Orca dos Padrões

### II

A *orca dos Padrões* fica numa explanada, dentro de um pinhal, entre o Outeiro e Villa Nova, a uns 11 passos, para leste, de um marco geodesico<sup>1</sup>. Consta de camara e galeria ou corredor, uma e outra bastante arruinadas, como se vê da planta (fig. 1.<sup>a</sup>). As pedras são de granito, e apresentam-se um tanto desbastadas, ou naturalmente, ou por o terem sido com outras pedras. Não ha vestigios de mamôa.

*Camara.* Incompleta, pois só restam as pedras *a, b, c*, postas ainda a pino. Devia ter sido polygonal. A tampa está tombada no chão.

<sup>1</sup> Foi-me indicada pelo Sr. Morgado Bernardo Rodrigues do Amaral, a quem já me referi na 1.ª parte d'este artigo.



Cranio n.º 00



Cranio n.º 2



Cranio n.º 00



Cranio n.º 2



Cranio n.º 00



Cranio n.º 2



Cranio n.º 0



Cranio n.º 4



Cranio n.º 0



Cranio n.º 4



Cranio n.º 0



Cranio n.º 4